



Nova ordem produtiva

Simpósio da Asbram reuniu quase 400 pessoas em Campinas para debater tendências do Agro e reforçar compromisso do setor com a sustentabilidade.

Maristela Franco

Após longa ausência forçada pela pandemia (a última edição foi realizada em novembro de 2019), o Simpósio da Associação Brasileira da Indústria de Suplementos Minerais (Asbram) voltou à cena, reunindo, entre os dias 17 e 18 de março, no Hotel Royal Palm Resort, em Campinas (SP), quase 400 pessoas ávidas por experiências presenciais e confraternização. Novamente com organização impecável, a cargo da vice-presidente executiva da entidade, Elizabeth Chagas, o evento apresentou um balanço estrutural do setor, discutiu os impactos da guerra Rússia-Ucrânia sobre o Agro, procurou traçar os rumos da economia brasileira e, como de hábito, transcendeu as fronteiras do mundo empresarial abordando temas universais como ética, sustentabilidade e até espiritualidade.

O Simpósio foi aberto pelo novo presidente da Asbram, Juliano Sabella, diretor de marketing da DSM/Tortuga, que reforçou o compromisso da entidade com a promoção do uso da suplementação mineral no rebanho brasileiro. Em seguida, ele passou a palavra a seu antecessor e anfitrião do evento, Daniel Guidolin, para apresentação de uma radiografia do segmento. Conforme pesquisa apresentada pelo executivo, existiam, em 2020, 1.431 unidades industriais com SIF registradas junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Destas, 1.297 não participavam da associação e foram foco do estudo, para delineamento de mercado. Após quase 5.000 ligações telefônicas, 1.281 unidades responderam ao questionário e 786 informaram não estar produzindo suplementos. Sobraram 495 SIFs de 485 empresas, que, junto com as 138 unidades dos 68 associados da Asbram, eram responsáveis, à época, pelo abastecimento do mercado pecuário brasileiro.

Conforme explicou Guidolin, a pesquisa mostrou uma retração de 11% no número de companhias atuantes no setor, em comparação com o levantamento feito dois anos antes. No período 2018-2020, apenas 41 companhias nasceram e 179 fecharam. O mercado de suplementos, contudo, cresceu 17,9% no mesmo período, saindo de 3.277 para 3.862 toneladas (*veja gráfico*). A região com maior produção continua sendo o Centro-Oeste, com 1,825 milhão de toneladas e crescimento de 20,2% entre 2018-2020. Em seguida, vêm o Sudeste, com 799.000 t (+ 25,9%); o Norte, com 600.000 t (+19,9%); o Sul, única região a apresentar retração, com 416.000 t (9,5% a menos do que em 2018) e o Nordeste, que se destacou na pesquisa pelo maior índice de crescimento (34,1%), passando de 151.491 para 203.000 t, sinal positivo de evolução tecnológica da pecuária nordestina. Trata-se, portanto, de um mercado forte, que optou por trabalhar com sustentabilidade.

Mudanças climáticas

A palestrante seguinte, Fabiana Villa Alves, coordenadora de mudanças climáticas do Mapa, apresentou as metas voluntárias assumidas pelo Brasil na área de redução de emissões de gases de efeito estufa. “Não existe agropecuária no mundo que use tantas tecnologias sustentáveis como a do Brasil. Nossa legislação na área climática também é muito avançada. A meta voluntária do País, estabelecida no Plano ABC, era de atingir 35,5 milhões de ha com emprego de tecnologias sustentáveis (área equivalente ao território da Alemanha) até 2020; chegamos a 52 milhões. Nos propusemos a reduzir as emissões de CO₂ equivalente em 133 milhões de t; conseguimos 15% a mais”, relatou Fabiana. Segundo ela, o foco agora não é tanto mitigação, mas “adaptação”, um con-

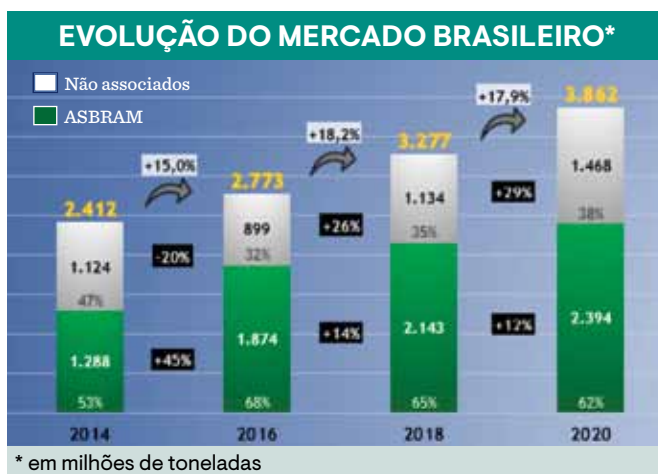
ceito que prevê a redução de vulnerabilidade dos sistemas frente aos efeitos das mudanças climáticas.

Para isso, o governo lançou o Plano ABC+, que prevê a mitigação de 1,1 bilhão de toneladas de CO₂ até 2030, além da introdução de tecnologias sustentáveis em 72,68 milhões de ha e a incorporação de 5 milhões de animais no sistema de terminação intensiva. Dentre as práticas recomendadas pelo Mapa estão: recuperação de pastagens degradadas, plantio direto, sistemas integrados, florestas plantadas, bioinsumos, tratamento de dejetos, sistemas irrigados e confinamento. O Mapa também criou o Carbono Verde+, para valorizar os produtos agropecuários que conseguirem zerar emissões. “Não existe uma política pública relativa a mudanças climáticas desse tamanho no mundo”, salientou Fabiana.

Aproveitando esse gancho, o rabino Nilton Bonder, autor do livro a Alma Imoral, que deu origem à peça de mesmo nome em cartaz por 15 anos em São Paulo, lembrou que, por trás do conceito de sustentabilidade, está outro mais importante: o de sustento, diretamente relacionado à sobrevivência humana. “Vocês trabalham com o que há de mais nobre: a produção de alimentos, mas devem estar conscientes de que há um cataclisma em curso no planeta e nenhum timoneiro na direção. O desafio de reverter o processo de mudanças climáticas é de todos. Há uma boa chance de o ser humano ser uma praga, que destrói seu próprio habitat. Precisamos nos autoresponsabilizar e reverter esse processo destrutivo”, disse ele.

Mercado em polvorosa

O economista Ricardo Amorim lembrou que, desde a dissolução da União Soviética, o mundo tem vivido sob o domínio norte-americano, mas algo mudou esse cenário: a emergência da China, que, em termos de consumo, já é a maior economia do planeta. Isso movimentou o mercado internacional e favoreceu o agronegócio brasileiro. “Por que estou falando disso? Porque pode estar se desenhando uma nova ordem mundial, com divisão do mundo em dois blocos: os países ocidentais liderados pelos Estados Unidos/Europa e os países orientais liderados pela Rússia/China. Inclusive, a posição dominante do dólar, que trouxe muitas vantagens para os EUA nas últimas décadas, pode não estar mais garantida. E o Brasil, como fica? Se tivermos de escolher um lado, haverá muitas perdas. Por



isso, precisamos montar estratégias para lidar com essa polarização futura”, alertou Amorim.

Segundo ele, o eixo da economia mundial está migrando para a Ásia, onde se localiza metade do crescimento econômico no planeta. “Para o setor agropecuário, isso é ultrapositivo, pois são países populosos com renda crescente, que demandam muito alimento, especialmente carnes. O que a gente precisa monitorar? A bolha imobiliária da China, que foi inflada por uma bolha de crédito. Isso pode estourar, gerando uma grande crise financeira, com enorme impacto sobre o Brasil. Acompanhem”, alertou o economista. Outro desafio é a recuperação da imagem do Agro, para agregar valor à produção e construir marcas. “Vejam o exemplo do Chile: há 20 anos, ele era exportador de uva; há 10, de vinho barato e hoje exporta vinho nobre. Agregar valor é a melhor estratégia para o Brasil reduzir sua dependência das commodities”, disse Amorim, salientando que a preocupação imediata é a inflação.

O Simpósio da Asbram contou ainda com palestras sobre comunicação nos negócios e gestão de pessoas, além de um bate papo entre o economista Ivan Wedekin e o ex-ministro Alysson Paolinelli, que falou um pouco sobre sua experiência e ressaltou o grande potencial produtivo do País. Durante o evento, também foi entregue mais um prêmio excelência Asbram (veja quadro abaixo). ■

Juliano Sabella, presidente da Asbram, entrega prêmio a Gustavo Rezende.



PRÊMIO EXCELÊNCIA ASBRAM

O pesquisador da Apta-Colina, Gustavo Rezende Siqueira foi agraciado com o Prêmio Excelência Abram, por suas contribuições à pecuária. A homenagem ocorreu dia 17 de março, durante o simpósio organizado pela entidade. Gustavo é um dos idealizadores do conceito Boi 7-7-7, que impulsionou a pecuária de ciclo curto no País. Formado em zootecnia pela Universidade Federal de Lavras, com doutorado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, ele tem conduzido, atualmente, pesquisas sobre intensificação da cria e novas tecnologias nutricionais, dentre outros.